



Biograph



LIÇÃO ENTRE AMIGAS: CARTAS NA MESA

angeli rose uerj 23capitu33@gmail.com

Conta a lenda que Simônides era conhecido pelas artes da memória e que após um banquete para “altos figurões” da Grécia foi chamado às pressas para identificar os corpos das vítimas do desmoronamento do telhado do casarão onde acontecia o evento. Simônides foi capaz de fazê-lo porque esteve ali presente até minutos antes do desabamento e lembrava-se perfeitamente dos lugares que ocupavam na mesa cada um dos convivas. Cícero conta isso em “De Oratore”, também Yates em “A arte da memória”, até Umberto Eco em “Não contem com o fim do livro”, conversa sobre livros com Jean Claude Carrière.

Nas narrativas docentes que resgatam sentidos para nossas práticas e perplexidades também não deixamos de identificar “os mortos”, em certa medida, que avistamos ao longo do processo, que se não de muitos anos de ofício, ao menos longo em sua intensidade e incidental experiência com o espaço e o tempo dedicados às artes de ensinar e aprender.

A lenda que torna Simônides protagonista dos silenciados pelo desmoronamento de um teto também fala para nós, narradores e docentes, que pode ser muito importante dar a luz aos que passaram, isto é, tornar os spot das cenas e eventualmente focar sobre cada um deles (grupos ou pessoas, por exemplo) para que sejam identificados, e ao identificá-los, tanto Simônides como nós outros docentes, damos a ver nossa posição em algum banquete e também indicamos que estivemos lá e testemunhamos em algum nível uma celebração.

Depois desse introito, que teve como objetivo criar uma atmosfera, faço um convite para que reflitam comigo sobre nossas memórias, a reinserção delas no cotidiano docente em forma de escrita, e a fluidez, ou não, com que lidamos com elas, ou melhor, que lidamos conosco, cada um de nós, cada um de si. Se fazemos a memória falar, ou se falamos a partir de nossas memórias docentes, é porque silenciamos em algum nível, por algum tempo.

Se a realidade é inesgotável então o pesquisador, conscientemente, pode optar por uma metodologia centrada na descoberta e no discernimento cuja ênfase requer a compreensão das intenções e dos significados dos atos humanos que pode denominar-se de abordagem qualitativa.(Carelli,2015)

Calamos até que possamos retomar eventos significativos para o percurso docente.Para tanto,podemos fazer tal empresa de diversas maneiras: ao sermos convidados para conversar com um colega, mesmo que na hora de um intervalo mais longo,sobre questões do cotidiano escolar; ao escrevermos um relatório de final de ano para a coordenação pedagógica; ao aquietarmo-nos em nosso escritório (mesmo que improvisado)para elaborar uma avaliação, por exemplo.Estas são algumas poucas entradas ou saídas, dependendo da perspectiva, para nos escrevermos, nos narrarmos; até a consumação efetiva e intencional de escrevermos histórias de nossa formação e atuação docente,principalmente em situação de pesquisa.

A narrativa contemporânea deve contemplar as vozes que foram excluídas e que não detinham poder político nem ideológico na modernidade. A atual postura implica desenhar uma narrativa não linear que dê conta dessas simultaneidades, descontinuidades, rupturas, descompassos históricos, e que possa explicitar as condições externas de produção.(Teixeira,2013)

Sinômides foi capaz de colaborar com aquela trágica operação identitária porque se permitiu a observação apurada e contemplativa, a ponto de criar espaços mentais para as associações necessárias entre os lugares da mesa e os convivas que os ocuparam junto aos demais objetos e detalhes que compuseram aquela cena pré-desabamento. O texto da memória, a identificação, foi possível porque o silêncio dirigido pelo olhar (da observação) deu lugar ao outro. E sem o saber, Simônides ao cuidar de seu silêncio, cuidava do outro; ao cuidar de sua memória, cuidava da memória dos outros que ficaram soterrados, e também nesta fábula, por extensão, cuidou das memórias dos que ficaram e poderiam lembrar dos seus mortos.

E agora volto-me totalmente para as nossas vidas e nossos silêncios, cuidados ou não: e conto-lhes que durante muitos anos fiquei em silêncio, contemplando minha perplexidade ante experiências de vida e da vida como docente. Por longos anos não fui capaz (ou corajosa?) de retornar às cartas para pô-las na mesa e, quem sabe, rescrevê-las. Explico, ou

melhor, narro: Há alguns anos escrevi um romance em forma de cartas sobre experiências de leituras; há algum tempo, já bem distante, narrei a aventura que é pesquisar sobre a formação de leitores, jovens, em aulas de literatura; há mais de anos reencontrei o amor, mas o amor pela memória, pelos mortos, pela língua, pela docência, e por todos aqueles viventes que atravessaram minha estrada de leitora. “Salteadores”, como se referia W. Benjamin aos textos citados em nossos textos. Eu os chamava de inquilinos do imaginário (e quem aqui não sabe o quanto ainda é, mas já foi mais, bem mais caro comprar livros para a formação?). Não só por isso, a carístia, seriam inquilinos, porque também há autores com os quais convivemos por um tempo e que se vão, talvez para outras cabeças e corações, quem deles sabe?

Então, como iniciava minha narração, encontrei amores, muitos que só foram possíveis porque também os perdi. E foi na solidão de pesquisadora em um debate com os dados coletados que constatei com outras mãos amigas, Maria e Augusta, o que há de mais doce na presença: reencontrar.

Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo [...] aparentemente parece que eu tenho tudo, exceto um único amigo de verdade. [...] De qualquer modo, é assim que as coisas são, e não devem mudar, o que é um pena. Foi por isso que comecei o diário. Para destacar em minha imaginação a imagem da amiga há muito tempo esperada [...] quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar essa amiga de *kitty*. (Frank, 2013)

Na minha história de pesquisadora e escrevente, forjei cartas que se inscreveram através das personagens.

O vazio que uma perda gera é como o silêncio, aquele reservado para que novas palavras se avolumem. Isto não se dá numa ordem direta nem linear, mas vai acontecendo em nosso corpo até que o *corpus* narrativo esteja configurado. Talvez o mais curioso seja o fato de que nem sempre nos damos conta dos vazios e dos silêncios com que lidamos. Cada palavra escrita em nossas narrativas docentes é também um manifesto dos silêncios que experienciamos em algum tempo, e formam uma injunção com os silêncios de outros que irão nos ler, ou escutar. Silêncio. Faço as cartas¹ falarem:

¹ O romance a que me referi é híbrido e compõe-se de correspondências entre 2 personagens que são amigas e professoras, além dos anexos que configuram a pesquisa realizada por uma delas. Chamava-se,

De: zeze@celeste.com.br

Para: guta@fogueira.com.br

Assunto: Re: Biblioteca viva

Vou direto ao assunto: gostei do material, como primeiras reflexões sobre as entrevistas. Penso que você deve aproveitar ao máximo os depoimentos dos alunos, talvez isto oriente melhor o aprofundamento do referencial teórico. De qualquer modo achei interessante a maneira simples como foi feita a análise de discurso entremeada com suas observações de campo. Aliás, como você conseguia registrar os elementos não-verbais enquanto fazia a entrevista? Não consigo imaginar a estratégia sem que se torne acintosa a anotação.

Mas emocionei-me com a sinceridade da garota, a descrição dela enterneceu-me, como se ao ser franca nas respostas já tivesse dito aquilo para ela própria, antes dizer para os outros.

Quanto à resposta de Adélia Prado, eu sugeria que você partisse da entrevista dela para construir a noção de experiência estética, ao invés de buscar num teórico de fato. O que me diz? Seria um exercício curioso partir dessa empiria para (con) figurar a concepção de experiência estética, imprecisa e fluida até agora.

Tente pelo menos, eu vou indo com você...

Abraços, Maria.(Nascimento,no prelo)

Calo as amigas, Maria e Augusta, para ouvir o sumo do que já se disse sobre a literatura, o fato de também ela tratar de intervalos, silêncios - como pausa ou não -, ante as palavras, que manifestas, se nos apresentam. E ao fazê-lo, por vezes, chega a nos calar ante as condições da existência humana as quais se refere. “De fato, só no outro indivíduo me é dado experimentar de forma viva, estética (e eticamente), convincente a finitude humana, a materialidade empírica limitada.”(Bakhtin,2003)

provisoriamente, Lição entre amigas: uma experiência de leitura. E foi vetado sob o argumento de que “aquele” departamento não aceitava tal tipo de texto como forma de trabalho final para a graduação do mestrado em Educação, no início dos anos 2000.

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

Didi-Huberman em seu livro “Sobrevivência dos vagalumes” recorre à imagem dos vagalumes para pensar sobre os espaços em torno deles, que a obra de arte sinaliza ao acender e apagar pensamentos e emoções em cada contemplador; W. Benjamin em sua obra situa em “constelações” o processo de criação artística; e nós, com as narrativas docentes, podemos piscar “luzes” que nos lembram do entorno : a escola; os alunos; os colegas; os autores que estudamos; as insônias que passamos para escrever bilhetes em provas; enfim, os pequenos e grandes amores que foram ficando soterrados pelas novas experiências cotidianas.

Pode parecer mórbido começar esta reflexão falando de mortos, mas não estamos tão distantes de Simônides e de Cícero, se lembrarmos de Nestor Canclini quando se pergunta e a nós sobre “o que fazer com as ruínas?”; tampouco estamos desconectados de Arfuch quando considera que “se a morte preside na casa da autobiografia”, como condição para o espaço autobiográfico. E se este for ficcionalizado e personagem de uma ficção então, vamos nos deparar com uma sobreposição que dá vida a outras vidas.

A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive. (Benjamin, 1983)

A memória na escrita docente pode ser “presidida pela morte”, o que já passou, o que até precisa ser escavado ante desmoronamentos. Porém, quando em situação de ficção, parece-me que há uma condição de natividade para aquelas vozes que dialogam e se interpelam, dialogicamente recorrentes. Assim, quaisquer textos autobiográficos são formas de ficcionalizar(se) em alguma medida a potência criativa nos sujeitos escreventes.

Quando escrevi o romance, como matéria e forma final da pesquisa, pretendi fazer falar para além de minhas lembranças - na ficção, silenciadas pelas personagens amigas - , fazendo falar tantas outras vozes docentes que como eu se dispuseram a alguma formação institucionalizada e às delícias e agruras de se embrenhar por essas terras, esses céus, de palavras, autores e pensamentos. O que invalida aquelas tantas vozes docentes exponencialmente ativadas através das cartas e e dos emails? Serem de papel? Serem

inventadas? Observo o alerta emitido por Anatol Rosenfeld acerca das relações entre os textos ficcional e não-ficcional e a recepção deles: “Em obras de intenção filosófica ou científica, este cunho estético pode representar fator de perturbação já que desvia o raio de intenção da passagem reta aos objetos visados”. (Rosenfeld, 1976). Mas quantas vezes ao elaborarmos relatórios, ao lermos certos textos (literários ou não) nos damos conta das construções que existem em nós, aguardando um banquete para desmornar? Pensar a identidade como construção sobrepõe considerar toda parcela de subjetividade humana presente nos processos formativos.” (Santos, 2015) Recorro às palavras de outra pesquisadora sobre a formação docente.

Seriam as experiências narradas menos aceitáveis por que são de amigas, as docentes imaginárias?

La construcción del sentido de la historia de nuestras vidas y de nosotros mismos en esa historia ES, fundamentalmente, un proceso interminable de oír y leer historias, de mezclar historias, de contraponer unas historias a otras, de vivir como eres que interpretan y se interpretan en tanto que ya están constituídos en ese gigantesco hervidero de historias que es la cultura. En la autointerpretación narrativas no hay inmediatez, ni acceso privilegiado, ni pura privacidad. Si trata más bien una actividad constructiva, imaginativa, compositiva. Y ahí, el sujeto de la autoconsciencia aparece como el autor de un personaje que es él mismo (Larrosa, 1998)

Estou traçando um caminho de memórias aqui também ao lembrar o lugar de cada citação na efêmera convivência com mais estes escritos. E é como se em nosso cotidiano docente não fosse exatamente por alguma solidariedade, ou gesto de gentileza, que conseguimos nos soerguer dos escombros das memórias recentes de incidentes menos louváveis de práticas que não foram bem sucedidas. Talvez, devessem aquelas cartas vetadas que se transfiguraram em e-mails tratar com mais sobriedade do entorno que é o vasto e até excêntrico campo das experiências de leitura? Mas: “Os gêneros são conjuntos constitutivamente heterogêneos, em constante hibridismo, que compartilham certas

características e sistemas de valoração, mas cuja especificidade é até relativa.”(Bakhtin,2003)

Então, o que são as cartas? enquanto práticas culturais serão os indícios de experiências realizadas em espaços privados de intimidade, sigilosos até, por luzes da noite quais vagalumes, em que o exterior fica invisível até a noturna visibilidade que toma conta das subjetividades pensantes?Menos perguntas, mais outras palavras:

As cartas configuram-se como espaços de circulação da intimidade, no qual as mulheres refletem seus anseios, suas dúvidas, suas inquietações. Nesse discurso, o locutor vai construindo uma imagem de si pelas escolhas linguísticas que faz. Nessa interação (eu – outro), juízos de valores são manifestados para avaliar as diferentes condutas de mulheres e homens que estruturam a sociedade.(Farias-Marques,2012)

Parece estranho que se não são assinados por alguém de carne e osso, aquelas e outras narrativas docentes não possam ser reconhecidas como uma pesquisa rigorosa de si e do mundo.No caso,então do pequeno mundo que é o fazer docente.Ainda sobre as cartas: “Isoladas como gênero “menor” pela arbitrariedade temporal da crítica literária estão as formas narrativas autobiográficas. São diários, cartas, memórias, autobiografias,textos tradicionalmente identificados como escritas de mulheres[...]”(Leahy-Dios,2002)²

Mas “o que é um autor?”(Foucault,1998) Se é uma função eventualmente exercida de modo explícito e se é uma autoria de certa discursividade atravessada por inúmeras outras autorias, podemos pensar que as aquelas cartas estão na condição extrema dessa divisão de oferta. São textos que se oferecem ao olhar do outro e ao dispor-se a isto também garantimos a nossa presentificação que se foi para o outro.

De: guta@fogueira.com.br

Para: zeze@celeste.com.br

Assunto: desafio amigo

Zeze, você é d+!

Obrigada mais uma vez e sempre pela amorosa atenção.

² Este artigo da professora,poeta e pesquisadora Leahy analisa parte da produção poética de Carolina Maria de Jesus e a partir de algumas considerações sobre a outra poeta,a pesquisadora levanta questionamentos muito procedentes acerca das relações entre crítica literária,uma história da leitura hegemônica e a formação de leitores e escritoras que tem sido realizada.

De fato é preciso estar atenta a essa fácil transposição do passado para o presente que acaba por engolir a todos, pasteurizando as contradições de cada época. Mas o que pretendo e me proponho investigar até que ponto e maneira dos adolescentes entrevistados aproxima-se da maneira como o filósofo Kierkegaard analisou minuciosamente o mito de Don Juan na música de Mozart (Don giovanni) não como indivíduo encarnado, porém como personagem mítico e que, portanto, fala de princípios – no caso da obra-princípios estéticos.(Nascimento,no prelo)

E por que as narrativas docentes, enquanto “escritas de si” são tão importantes, ficcionalizadas ou não, para a escrita de uma história da educação a contrapelo, como sugeria Walter Benjamin? porque gera condições propícias para que certa resistência se faça diante da hegemonia de padrões insistentemente estabelecidos. Padrões que mantém escritas invisíveis, quer nos cânones acadêmicos, quer nos critérios de críticas estéticas. Quando estas narrativas são oferecidas em gênero epistolar ou não, criam-se atritos de imagens e representações entre como os outros nos veem e nós docentes nos vemos. Permito-me caetanear, como recurso de síntese: “gosto de sentir minha língua / roçar a língua de Luís de Camões.”

Para além de questões psicológicas, comportamentais, ou práticas pedagógicas validadas ou fundamentadas, temos também um cotidiano linguístico que nos forma e é formado através das escritas docentes e que vão biografando a língua em que escolhemos narrar. “Falar em português eu podia, claro. Não conseguia escrever. Poemas então, muito menos. Entrei em crise, já que escrever poesia era o sentido de minha vida.” (Gullar, 2015). Comenta o poeta seu processo de escrita após a conclusão do poema “Luta corporal”, em sua “Autobiografia poética”.

Volto ao ponto de parada para nova partida. Quando se veta a produção de um docente, decorrente de energia em forma de muitos esforços empreendidos para pensar sua formação

e suas relações com as práticas pedagógicas, o que se está fazendo - se este texto não fere um código de ética de pesquisa – é coibir o diálogo entre instâncias que gerem a educação, a universidade e escola, inseridas numa sociedade. Está se tomando este trabalho, de docente, como indigno a despeito de interesses privados e subjetivos. Veta-se também a concepção de linguagem como interação e trabalho, tão importantes nos fazeres e saberes docentes. Veta-se as interfaces necessárias para que esse saber docente seja legitimado e de amplo alcance.

O saber docente é um saber também decorrente de experiências de leituras, não-leituras e desleituras. E sua narrativa é o espaço imaterial onde se cruzam tais potências da palavra e sua discursividade. Entretanto, as cartas, por exemplo (dentro do campo maior que é a autobiografia) esse gênero textual secular, se diferem principalmente porque se investe de certa “autoridade afetuosa” conferida ao destinatário e se no caso, esse destinatário é o leitor implícito para além do explícito, uma personagem de ficção, serão elas, as cartas, de um imenso amor pelo outro, à língua, à docência; e por que não dizer à educação, em toda e plena dimensão formativa. A narrativa docente, enquanto escrita de si, nos forma, deforma, transforma e a outros informa sobre corpos que atuam com alguma efetividade no cotidiano escolar e educacional, em última instância. Sobre corpos e performances de corpos na escrita, exercito-me em preparação com Clarice Lispector:

“Vi um filme idiota onde um rapaz dizia: eu gosto de você. E a moça dizia: eu sei, mas não gosto do jeito pelo qual você ama as pessoas. É também de minha natureza carregar nos ombros a culpa do mundo. Uma pessoa só pode apenas sucumbir. Foi isso que fiz chorando no cinema e aliviando uma mágoa confusa.” (Lispector, 2002)

Posto que tais narrativas presentificam não só vozes, mas também os corpos vivos que transitaram e transitam também sob ruínas e assombros que conhecemos com a docência até que se possa seguir. Porque:

Os traumas que não estamos dispostos a ou não somos capazes de relembrar assombram-nos com mais força. É necessário então aceitar o paradoxo de que, para realmente esquecer um acontecimento, precisamos primeiramente criar a força para lembrá-lo. Para responder a esse paradoxo, devemos ter em mente que o contrário de existência não é

inexistência, mas *insistência*: o que não existe continua a insistir, lutando para passar a existir. (Zizek, apud Abreu, 2013)³

Jean Claude Carrière conta ainda naquela conversa com Umberto Eco que Buda ensinou por 35 anos consecutivos, sem qualquer registro escrito, e só depois de sua morte, Ananda – um discípulo do mestre, passou a transcrever suas palavras, ajudado por um grupo de seguidores. “O sermão de Bernares”, primeiras palavras de Buda, texto que contém as famosas “4 nobres verdades”, sabidas de cor e minuciosamente transcritas, e que constitui o ensino básico de todas as escolas budistas, representa um caderno.” E esse caderno, singelo, gerou milhões de livros. (Eco e Carrière, 2009)

Quando as amigas Zezé e Guta, professoras e personagens do romance vetado decidiram levar adiante as conversas sobre a profissão docente, suas experiências de leitura e de vida e a formação de leitores (jovens) foram movidas pela fé de que valia a pena o diálogo estabelecido. Também foi “a fé que conferiu valor especial” ao texto de Ananda, pós-escrito às “aulas” de Buda. Assim como Zambrano, outra Maria, asseverou que “ato de fé o escrever, e como toda fé, de fidelidade. O escrever pede a fidelidade antes de tudo o mais. Ser fiel àquilo que pede para ser arrancado do silêncio.” (Zambrano, 2000). Encontramos as narrativas docentes nos cadernos de pesquisas que elaboramos, por exemplo, quando nos dispomos a esta atividade, e a partir deles muitos outros textos são ou tem sido criados por nós e pelos leitores deles. Para tanto, cabem dados da realidade acadêmica contemporânea do momento do veto, trauma experienciado:

Podemos admitir que, a partir dos anos 2000, observa-se, nos estudos pós-graduados, no Brasil, o fortalecimento da pesquisa (auto)biográfica em Educação. Além da explosão de teses e de dissertações, como nos revela a pesquisa de Stephanou (2008), o movimento biográfico se faz também sentir no êxito dos Congressos Internacionais sobre Pesquisa (Auto) Biográfica (CIPA), em sua quinta edição, prevista para 2012, em Porto Alegre. O CIPA tem promovido o lançamento de uma extensa produção científica (livros, anais, revistas) que dão conta da fertilidade da pesquisa (auto)biográfica no Brasil e no exterior. Ainda como marca desse movimento, citamos a criação da Associação Brasileira de Pesquisa

³ Este volume da **Revista Aletria: de estudos de literatura** é um no. especial e temático sobre “Memórias de Guerra”, o que veio bem a propósito nas leituras feitas por mim, posto que podemos considerar que existe numa certa história da escrita e da leitura uma “guerra” entre escritos que velam, por falta de discussão, a escrita feminina. Embora as narrativas docentes estejam para além de tais questões de gênero até certo ponto, é importante sempre voltar a este ponto a fim de marcar que pode ser sintomática a proliferação de narrativas docentes, principalmente, a partir do ano 2000, enquanto objeto de estudos acadêmicos.

(Auto)Biográfica (BIOgraph) e da Associação Norte-Nordeste das Histórias de Vida em Formação (ANNHIVIF). Como desdobramento desse movimento internacional, destacamos a criação da Rede Narrativas Autobiográficas (RedNAue), reunindo pesquisadores da América Latina, e em perspectiva a criação de uma rede Europa-América Latina em torno da pesquisa (auto)biográfica. (Passey, 2011)

Por outro lado, vale considerar que o docente, quando na função-autor, confere mobilidade aos eus que configuram sua história. Uma história traçada e tracejada pelos rastros alternados por silêncios que as experiências da vida e do ofício lhe sussurraram. Para aqueles que o leram, se deixarem que se consuma a leitura, outros dizeres e silêncios serão produzidos, criando uma comunidade outra.

Entretanto, há que se compreender que tal discursividade profusa corre o risco de transformar-se em produção que se sobrepõe às subjetividades docentes em formação e é preciso cuidar dessa produção, do trabalho de antes, das relações entre saber, poder e economia. Há um alerta a ser feito para que o empoderamento das subjetividades docentes soe-nos como resistência ainda. Antonio Negri ao pensar o “trabalho imaterial”⁴ na sociedade contemporânea comenta que “o “autor” perde a sua dimensão individual e se transforma num processo de produção organizado industrialmente(...) tende a tornar-se consumidor/comunicador. (Negri, 2001)

E pode (como Clarice Lispector nos contou em sua correspondência sobre uma ida ao cinema) parecer também “confuso” perceber que ao nos escrevermos também descrevemos e desescrevemo-nos a nós mesmos, e num impulso de autoformação recombina uma docência de si, que conta, ensina, aprende, desaprende, avalia, perturba, planeja e roteiriza a própria escrita de si e a leitura do outro.

Essa complexa “coincidência” é responsável por novas narrativas dos mesmos e de outrem, a despeito de silêncios impostos e em prol de silenciamentos de certos leitores. Então, “por que se escreve? reproduzo a pergunta que tantos escreventes e

⁴ Este livro de Negri e Lazzarato conceitua o trabalho pós-industrial e ao mesmo tempo prepara o leitor para compreender o capitalismo cognitivo que vem perfazendo as últimas décadas. Escrever, atividade altamente requerida entre pesquisadores e acadêmicos, pode ser observado a partir dessa perspectiva a fim de dar a ver o risco de certas modas, seu produtivismo, e/ou os impeditivos para que novas possibilidades de escrita sejam engendradas.

escritores, como a filósofa malaguenha María Zambrano também (se) fez e sugeriu uma resposta: “Escrever é defender a solidão em que se está.”

Por diversas razões e desrazões precisei encontrar com o reencontro das amigas pelas cartas num romance comigo e com a língua portuguesa, disciplina em que também atuo como docente, embora agora em níveis diferentes (quando deixam!). Talvez para defender-me dos muitos momentos de solidão; a solidão da palavra orientadora que não veio; a solidão por encarar (me) através das docentes que escutei quando fui a campo; enfim, até a solidão de abrir mão dos escritos suados e que tanta alegria geraram durante sua elaboração.

O final das histórias, essa que lhes apresentei, aquela que foi censurada e a história da educação em que nos inscrevemos ao escrevermos, certamente ainda está longe de se efetivar, no entanto, posso adiantar que, depois de impedimento para passar e compartilhar com outras mãos escritoras a história daquelas professoras amigas e confidentes, através de narrativas docentes, concluí o que me cabia, entregando um texto final devidamente caracterizado no gênero textual exigido pela universidade. A dissertação foi defendida em termos seguros, certos e determinados, em meio a um contexto de incertezas. Então, ainda assim me pergunto tantos anos depois, e lá se vai mais de uma década, acerca de uma outra história da educação brasileira que se entecruze com as histórias da leitura, da escrita, do livro e da literatura (brasileira):

“Que história de leitura queremos contar, interpretando a narrativa autobiográfica? Se a tradição de leitura literária que conhecemos segue um paradigma predeterminado de gênero (masculino) e de classe social (dominante), é plausível buscar o sentido único de um texto autobiográfico de autoria feminina? Não seria mais adequado falar dos sentidos do texto, da compreensão dos contextos numa “hermenêutica da suspeita” que busca novos exames, novas leituras, novas valorizações? (Leahy-Dios, 2002).

Casos parecem estar se sucedendo nos assentos universitários, ocupados por mentes já formadas pelos discursos e desejos de mudança. Numa universidade do Rio de Janeiro soubemos:

O grau de surpresa com a inovação pode ir ao espanto, identificado como uma intensidade tônica num eixo de expectativas átonas, ao estranhamento mais simples, que não chega a abalar as estruturas previstas. Uma tese apresentada como instalação foi recentemente rejeitada num Programa de Pós-graduação em Comunicação, por fugir inteiramente às expectativas do gênero e às marcações permitidas na esfera de circulação acadêmica. Já uma tradução de romance foi aceita como parte substancial de tese sobre o tema, num Programa de Letras. (Teixeira, 2012)

Resisti. Não desisti de minha formação, o mestrado em educação. Segui entre a teoria da literatura, teorias de leituras e leituras de mais narrativas da literatura brasileira contemporânea, atividades próprias de uma docente em situação de pesquisa e perigos. Mas observei sobre aquele final provisório:

Toda a vitória humana há-de ser reconciliação, reencontro de uma amizade perdida, reafirmação depois de um desastre em que o homem foi a vítima; vitória em que não poderia existir humilhação do contrário, porque já não seria vitória, isto é, glória para o homem. (Zambrano, 2000)

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Denise B. de. **A escrita feminina do trauma de guerra e a re-sistência do real em Casa das sete mulheres**, de Leticia Wierzchowski.

ARAÚJO, J. & outros. **A leitura acadêmica na formação docente: dificuldades e possibilidades**. Revista de letras, vol. 31(1/2), vol. especial – jan/dez, 2012.

ARFUCH, Leonor. **O espaço autobiográfico**. Dilemas da subjetividade contemporânea. RJ: Eduerj, 2010:60.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5ª edição. SP: Editora WMF Martins fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: textos escolhidos. SP: Abril Cultural, 1983, pp.197-221.

CAPELA, Carlos E.S. & outros (org.). **Outra Travessia** Revista de Literatura. Dossiê temático: *Biografias, autobiografias e antibiografias*. PPGLitNo. 14, 2º semestre de 2012.

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

CARELLI, Mariluci N, e outros. **Projeto de pesquisa: uma abordagem qualitativa.** Investigação qualitativa em educação, vol.2. Atas CIAQ, 2015.

DIDI-Huberman, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Tradução V. Casa nova, M. Arbex. BH: UFMG, 2011.

ECO, U. e CARRIÈRE, J. C. **Não contem com o fim do livro.** Trad. André Telles. Editora Record. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

FARIAS-MARQUES, M. S. A. **Cartas de aconselhamento: espaço dialógico da socioconstrução da imagem de si.** In: Acta Scientiarum. Language and Culture. Vol. 34, no. 2, UEM, 2012.

FOUCAULT, M. **A escrita de si.** 1993. In: O que é um autor? Lisboa: veja, 1992.

FRANK A. **O diário de Anne Frank.** Trad. Ivanir Alves Calado. 19ª. edição RJ: Bestbolso, 2013. Ginzburg, J. Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema da teoria da autobiografia. São Paulo: Anablume; Fafesp; FFLCH, USP, 2009.

GONÇALVES, Rogério. **Entre experiência e invenção: incidências autobiográficas em Antônio Torres.** Revista estudos de literatura brasileira contemporânea, n47.p287-302. jan/jun. 2016.

LARROSA, J. M. **La experiencia de la lectura. Estudios sobre literatura y Formación.** Barcelona: Editorial Laertes, 1998.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Narrativas autobiográficas e o cânone literário: o paradigma da transformação.** Letras de Hoje, v. 37, no. 4, Porto Alegre, dez, 2002.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico.** in o pacto autobiográfico. (org) Jovita Maria Gerheim Noronha. BH: Editora UFMG. 2014, pp15-55.

LISPECTOR, Clarice. **Correspondências** (org) Teresa Montero. RJ: Rocco, 2002.

NEGRI, A. & Lazzarato, M. **Trabalho imaterial.** RJ: Dp&a editora. Coleção espaço do desenvolvimento. 2001.

PASSEGI, M. C. & outros. **Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização.** Educação em Revista. vol. 27 no. 1 Belo Horizonte Apr. 2011
Acesso eletrônico: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100017&lng=en&nrm=isso

ROSENFELD, A. **Literatura e personagem, In:** A personagem de ficção. Editora Perspectiva. São Paulo, 1976.

SANTOS, Katia e outros. **O fazer-se professor: uma abordagem acerca da identidade, da formação e da prática docente.** Investigação qualitativa em educação, vol. 2. Atas CIAQ, 2015.

SILVA, M. Cabral da. **Gêneros textuais no cotidiano escolar**: os gêneros epistolares. in: gêneros textuais: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental/Alberto Roiphe, Marcela A.Fernandez (org).RJ: Rovelte, 2011.

SENECA. **As relações humanas**: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte. Carta XXXIV: é preciso ler e escrever alternadamente. 2ª.edição. SP: Landy editora, 2007.

TEXEIRA, Lucia. **Gêneros orais na escola** / Oral genres in school. Bakhtiana, São Paulo,7(1):240-252, jan/jun.2012.

TEIXEIRA,Nincia C.R.B.**Letras e silêncio: a escrita de autoria feminina no Paraná**.Acta Scientiarum.Language and Culture.Revista no.1,vol.35,jan/mar.UEM,2013.

ZAMBRANO, M. **A metáfora do coração e outros escritos**. Introdução e tradução. José Bento.Assírio & Alvim.200.Lisboa.pt.